V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2018

AS DESIGUALDADES SOCIAIS ENFRENTADAS NA ZONA RURAL DO BRASIL

SOCIAL INEQUALITIES COVERED IN THE RURAL AREA OF BRAZIL

Apresentação: Comunicação Oral

Tainá da Silva Veras¹; Julio Cesar Costa de Macedo²; João Pedro Nogueira Vieira³; Marcelo Gomes da Silva⁴; Brennda Muniqui Cavalcante Passos Soares⁵

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00034>

Resumo

A questão fundamental é mostrar como o trabalho e a educação no campo está entrelaçada ao preconceito, especialmente em relação às categorias menos favorecidas encobrendo as reais condições, valores e atitudes da população ao longo dos anos, tendo não só a desigualdade social, como também a desigualdade de gênero em relação à educação na zona rural. Mostrando a visão capitalista e seu crescimento e de qual forma isso afetou o pequeno produtor e as suas famílias, devido ao intenso processo de urbanização que ocorreu no país. Assim mudanças se fazem necessárias a essa nova realidade, mudanças econômicas, políticas e sociais vividas pelo campo conduziram a uma preocupação direta com a recolocação da finalidade da terra e da atividade do homem. Por isso o artigo tem como objetivo observar e analisar as teorias que defendem a sociologia rural, bem como questionar as práticas exercidas, instigar através de reflexões analisar o contexto histórico de seu país, as bases teóricas se sustentam numa visão sociointeracionista. Este estudo constitui-se de uma revisão de literatura, de cunho qualitativo, para isso realizou-se pesquisas em artigos publicados em anais, dissertações, reportagem, entrevista e livros de estudiosos da área, como Lancillotti, Teixeira, Wanderley, Schneider, entre outros. O estudo realizou-se através de leituras individualizadas e em grupo, após discussões sobre a temática e por fim a produção textual de forma colaborativa. As ideias defendidas pelos autores rompem com visões unilaterais e tradicionalistas, dá espaço à mudança de paradigma nas ações sociais. A pesquisa colaborara ainda para que se entenda que é necessária a descentralização de ideias, como os autores estudados, ajuda a revolucionar o modo de aprender e a entender como o conhecimento compartilhado é necessário para construção de saberes.

Palavras-Chave: Desigualdade social, desigualdade escolar, zona rural

¹ Licenciatura em Computação, Instituto Federal do Tocantins (IFTO), E-mail: tainasilvaveras@gmail.com

² Licenciatura em Computação, Instituto Federal do Tocantins (IFTO), E-mail: juliocesar1076@gmail.com

³ Licenciatura em Computação, Instituto Federal do Tocantins (IFTO), E-mail: jpedronogueira94@gmail.com

⁴ Licenciatura em Computação, Instituto Federal do Tocantins (IFTO), E-mail: marcelo_gomes15@hotmail.com

⁵ Mestre em Ciências da Educação, Instituto Federal do Tocantins (IFTO), E-mail: brenndamuniqui@hotmail.com

Abstract

The fundamental question is to show how work and education in the countryside is intertwined with prejudice, especially in relation to the less favored categories, covering them with the real conditions, values and attitudes of the population over the years, having not only social inequality but also the inequality of gender in relation to education in the rural area. Showing the capitalist vision and its growth and how it affected the smallholder and their families, due to the intense urbanization process that took place in the country. So changes are necessary to this new reality, economic, political and social changes experienced by the field have led to a direct concern with the relocation of the purpose of the earth and the activity of man. Therefore the article aims to observe and analyze the theories that defend rural sociology, as well as question the practices practiced, instigate through reflections to analyze the historical context of its country, the theoretical bases are based on a socio-interactionist view. This study is based on a review of the literature, with a qualitative character, for which research was carried out on articles published in annals, dissertations, reports, interviews and books by scholars in the area, such as Lancillotti, Teixeira, Wanderley, Schneider, among others. The study was carried out through individualized and group readings, after discussions on the theme and finally textual production in a collaborative way. The ideas defended by the authors break with unilateral and traditionalist views, giving space to the paradigm shift in social actions. The research will also help to understand that it is necessary to decentralize ideas, as the authors studied, helps to revolutionize the way of learning and to understand how shared knowledge is necessary for construction of knowledge.

Keywords: Social inequality, school inequality, rural area

Introdução

No Brasil, quando se fala sobre os problemas sociais, quase sempre se refere às periferias das cidades. Raramente são mencionadas as injustiças sociais históricas sofridas por aqueles que vivem na zona rural. Se nas áreas urbanas pouco se discute a eficácia das políticas públicas, para amenizar as mazelas, no campo elas quase não existem a população fica à mercê da sorte, completamente desassistida na saúde, na educação, no lazer, nas atividades culturais, e continua invisível para o olhar da maioria daqueles que formulam as políticas sociais e até mesmo da própria população urbana que os trata com desprezo e preconceito. Segundo Estevam (2009), isso ocorre devido a visão preconceituosa que foi instalada, em relação ao campo ao longo dos anos, devido ao intenso processo de urbanização que ocorreu no país, quando surgiu uma nova configuração industrial capitalista, tendo o homem da cidade como um modelo de sofisticação intelectual e de bom gosto, e em contraste vinha o homem do campo refletindo assim a disputa de modelos de sociedades.

As desigualdades sociais muitas vezes determinam as desigualdades escolares em diversos países, pessoas de classes econômicas desfavorecidas tendem a estudar em escolas

públicas priorizando o ensino técnico, deixando o ensino superior para aqueles de classes mais favorecidas, assim determinam o futuro dos indivíduos e seu papel social, devido à falta de um ensino de qualidade que tenha oportunidade para todos. A escola cria suas próprias desigualdades, a economia cria suas próprias desigualdades, a cultura cria suas desigualdades, a política cria suas desigualdades... as desigualdades de cada um desses domínios podem e precisam ser combatidas. Mas há desigualdades e injustiças novas quando as desigualdades produzidas por uma esfera de justiça provocam automaticamente desigualdades em outra esfera. (DUBET, 2004.)

O mesmo enfoque instrumentalista e de ordenamento social veio a caracterizar a formação de técnicos para as atividades agropecuárias. Em meados da década de 1960, por ocasião da implantação do modelo Escola-Fazenda no ensino técnico agropecuário, os currículos oficiais foram elaborados com enfoque **tecnicista** para atender ao processo de industrialização em curso (CADERNO SECAD 2, 2007, p.11).

De acordo com alguns estudos o perfil educacional da população e as desigualdades inter-regionais também tendem a afetar, com maior ou menor intensidade, a distribuição da renda RNA (rural não-agrícola). Em relação especificamente à escolaridade, o desempenho educacional é considerado um fator importantíssimo para a obtenção de empregos com maiores salários no setor industrial e no de serviços e para a realização e o sucesso de atividades não-agrícolas em empreendimentos voltados apenas à produção de bens primários, abordagem de desenvolvimento rural refere-se a um processo evolutivo, interativo e hierárquico quanto aos seus resultados, manifestando-se nos termos dessa complexidade e diversidade no plano territorial. As estratégias individuais e coletivas dos territórios rurais podem variar conforme o contexto e a situação e se dar através de diversos fatores, destacando-se dentre eles, a pluriatividade.

Fundamentação Teórica

Sob o modelo de produção capitalista as relações são marcadas pela exploração, dominação e desigualdade, que separam, fundamentalmente duas classes sociais: uma composta por aqueles que têm a propriedade dos meios de produção, outra por aqueles que não tem. Privados dos meios de produção, na condição de mercadoria, ao homem resta-lhe apenas a oferta de sua força de trabalho, uma vez que não pode mais alcançar, disponíveis na natureza, os meios para assegurar a sua subsistência (LANCILLOTTI, 2003, p. 54).

Para o autor mencionado o capitalismo é produto de relações humanas historicamente

construídas, e sua tendência característica é a concentração dos meios de produção. Por ser histórico e marcado pela contradição, o modo de organização capitalista é superável, mas não se pode esperar que essa superação se dê sem embate entre diferentes concepções de mundo.

No que se refere às políticas de apoio ao desenvolvimento rural, existem três desafios principais: vencer a precariedade social, articular e integrar o meio rural ao conjunto da sociedade, assegurando a intensidade dos contatos sociais e, garantir as populações seu direito à cidadania (WANDERLEY, 2002).

Não existe um grau definitivo de urbanização ou de ruralização, e sim um fluxo de características em que o rural e o urbano em vez de constituírem simples partes de uma dicotomia, tendem a situar-se ao longo de uma escala, num extremo da qual se colocam os povos mais primitivos, os pastores e agricultores nômades, os coletores, enquanto no outro se escalonam as sociedades urbanas modernas nas quais, graças às formas de produção e distribuição, de um lado, e a um tipo de tecnologia, o rurícola se encontra numa teia de relações altamente urbanizadas (RIOS, 1979).

Na área da educação, as desigualdades entre rural e urbano e entre as regiões sobrepõem-se às diferenças de gênero. No entanto, diferentemente do caso das mulheres urbanas, a expansão da escolaridade não necessariamente se reflete em melhores condições de trabalho para as mulheres rurais (TEXEIRA, 1994).

A proposta que envolve a Educação no Campo do Brasil, valoriza a cultura, a terra e as diversas formas de produção existentes no campo. Tendo em vista mudar significativamente os interesses da educação priorizando o ensino, ao invés de priorizar somente os interesses da cultura produtivista, para que a educação seja colocada como uma luta social e as diversas formas de organização dos agricultores familiares, como o modelo a ser seguido de desenvolvimento socialmente justo e sustentável.

Porém, tal processo não ocorre de forma pacífica e sem resistências, a violência no campo é um capítulo bem conhecido da literatura rural brasileira. Dentre os movimentos de resistência, a luta pela educação do campo tem por objetivo garantir aos povos do campo o direito a ter o seu próprio modelo de ensino, a fim de reverter esta imagem negativa e preconceituosa e, ao mesmo tempo, resgatar sua autoestima (MOLINA, 2006).

Diante de várias definições sobre o que é desenvolvimento, utiliza-se neste estudo a noção de que o desenvolvimento é uma construção social, ou seja, sua configuração é elaborada dentro de interações sociais, culturais, políticos entre outros, em determinada sociedade. A prática de desenvolvimento e de desenvolvimento rural é transformadora porque

pode alterar o meio ambiente ou ressignificar cultura e valores, entre outros aspectos (SCHNEIDER, 2007).

A ideia predominante que se tem sobre desenvolvimento rural, consiste em diversas ações que tendem a gerar impactos na melhoria das condições de vida e aumentar as expectativas da reprodução social e econômica dos sujeitos e grupos.

O contraste entre a vida metropolitana e a vida em vilas ou fazendas não desaparecerão tão cedo [...], visto que a vida rural é algo mais amplo do que a 'sociologia da ocupação agrícola', é improvável que esse campo seja absorvido pela sociologia industrial. Além disso, já que todos os aspectos da vida grupal são caracterizados por traços genéricos da vida rural, outras especialidades (tais como a demografia ou a família) continuarão recebendo contribuições da sociologia rural. (ANDERSON, 1981, p. 184)

O nível de complexidade do sistema capitalista pressupõe uma certa relação, centro periferia entre países, onde a produção agrícola, a agropecuária e a exploração da terra, de modo geral, geram insumos para diversos setores industriais, a proximidade entre rural e urbano se torna ainda mais patente. Assim mudanças se fazem necessárias a essa nova realidade, mudanças econômicas, políticas e sociais vividas pelo campo conduziram a uma preocupação direta com a recolocação da finalidade da terra e da atividade do homem.

A agricultura familiar integra em um único rótulo grupos sociais heterogêneos e princípios definidores divergentes. Tal constatação pode ser comprovada observando-se as segmentações adotadas pelo PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) que abrange grupos que demandam a formulação e implementação de políticas públicas específicas de capacidade técnica e inserção nos mercados. Presentemente, as políticas de apoio ao desenvolvimento rural exploram a temática da educação do campo e buscam incorporá-la às ações da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER (MDA, 2005). O PRONAF foi criado para atender às reivindicações das organizações rurais, objetivando apoiar financeiramente as atividades agropecuárias e não agropecuárias de diferentes públicos: mulheres rurais, populações quilombolas, indígenas, extrativistas, ribeirinhas, pescadores artesanais, aquicultores e assentados/as da reforma agrária. Os agricultores familiares têm como alternativa de inserção no mercado nacional o direcionamento de esforços para atividades de alta densidade econômica que possibilitem agregação de valor e de renda.

Porém a agricultura familiar passa por grandes transformações e diante desta situação, pesquisadores e entidades têm procurado refletir sobre algumas questões advindas deste

segmento. Entre as quais se destaca a perda, ou não, de sua identidade rural, se estas mudanças influenciam em seus modos de vida, se há diminuição ou não da dimensão agrícola, se existe a tendência à individualização do campo. Todas estas questões ganham, cada vez mais, importância em termos do futuro da agricultura familiar.

O rural está se transformando, o que não significa que ele está acabando, O desenvolvimento econômico brasileiro tem estreita relação com a sociedade rural brasileira, tanto por sua influência econômica, política e cultural, e também por sua dimensão.

Metodologia

Este estudo constitui-se de uma revisão de literatura, de cunho qualitativo, visto que o objetivo foi estudar a sociologia rural como um todo, desde o processo educacional, aos problemas sociais enfrentados no Brasil, para mostrar como a desigualdade social afeta a vida das pessoas da zona rural, e os problemas que os pequenos produtores e suas famílias passam, desassistidos perante a sociedade. Para isso realizou-se pesquisas em artigos publicados em anais, dissertações e livros de estudiosos da área, afim de se compreender e ampliar o conhecimento sob a temática.

Realizou-se leituras individualizadas e discussões em grupo acerca da temática e pôr fim a produção textual de forma colaborativa, através de e-mails e *whatsapp* que resultou na produção deste trabalho.

Resultados e Discussão

As teorias estudadas apresentam grandes contribuições para estudantes, pesquisadores e professores, elas reforçam a necessidade de reflexões, pesquisas e ações no campo da sociologia rural. As ideias defendidas pelos autores rompem com visões unilaterais e tradicionalistas, dá espaço às mudanças de paradigmas nas ações das desigualdades sociais. As pesquisas colaboraram para que se entendessem que é necessária a descentralização de ideias, abriu a visão para um mundo de desigualdades enfrentadas a nossa volta.

O grupo aprendeu que para haver melhores resultados na zona rural, é preciso de planos de governo que não fiquem só no papel, que de fato possam ajudar a todos, que uma saúde de qualidade e educação escolar é o mínimo que se deve oferecer, é uma obrigação social, política e econômica.

A zona rural, o campo está se transformando e não acabando, de acordo com os

estudiosos da área, não devemos dá somente um ensino técnico para as grandes mazelas, e sim qualificar a todos com o ensino básico a superior, para que as oportunidades de trabalho sejam as mesmas, no mundo capitalista que nos encontramos, para atender assim as necessidades da sociedade. Pode-se enfatizar, em análise aos contextos vivenciados que:

- 1- Na agricultura brasileira, predomina a utilização de mão-de-obra familiar em pequenas e médias propriedades de agriculturas de subsistência espalhadas pelo país. Quando a agricultura praticada pela família é extensiva, todos os membros se veem obrigados a complementar a renda como trabalhadores temporários ou boias-frias em épocas de corte, colheita ou plantio nas grandes propriedades agroindustriais. Às vezes, buscam subemprego até mesmo nas cidades, retornando ao campo apenas em épocas necessárias ou propícia ao trabalho na propriedade familiar, deixando de estudar ou se qualificar, dedicando apenas ao trabalho, se tornando apenas mais uma mão de obra barata no capitalismo.
- 2- Alguns projetos de desenvolvimento territorial rural fracassam por não considerarem os conflitos e que conflito agrário e desenvolvimento são processos inerentes da contradição estrutural do capitalismo e paradoxalmente acontecem simultaneamente, processos esses que fracassam antes mesmo de serem colocados em prática.
- 3- A sociedade, a política, a economia, a escola cria suas próprias desigualdades, desigualdades que podem e precisam ser combatidas cada uma em seu domínio. Mas sempre haverá novas desigualdades e injustiças, quando uma desigualdade cometida atingir outra esfera, sendo somente reflexo do que acontece.

Conclusões

Neste artigo procurou-se refletir sobre os desafios do ensino de sociologia diante de sua obrigatoriedade e ante aos seus sujeitos, ou seja, a juventude rural. Desde o seu contexto histórico, bem como as desigualdades sociais enfrentadas, como a luta pela escolarização que por muito tempo ficou à mercê de interesses políticos e econômicos.

Procurando entender a realidade rural, mostrando que as famílias mais pobres e com escassez de terra desenvolvem principalmente atividades que exigem pouca qualificação e baixo investimento, ao passo que os mais ricos têm uma possibilidade bem maior de ascender às ocupações mais produtivas e bem remuneradas no mercado de trabalho.

Referências

DUBET, François. DURU-BELLAT, Marrie. VÉRÉTOUT, Antoine. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas^{1,2}. Sociologias, Porto Alegre, ano 14, no 29, jan./abr. 2012, p. 22-70. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n29/a03v1429.pdf>> Acesso em: 30 agosto de 2018

CRUZ, Kelma Christina Melo dos Santos. O papel da educação do campo na construção do desenvolvimento rural: uma proposta de agenda para a pesquisa a partir das dimensões de gênero e raça na agricultura familiar, 2008.

DERMATINI, Zeila de Brito Fabri. Desigualdade, trabalho e educação: a população rural em questão, 1986.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira. LANZARINI, Joecy José Sá. RONÇANI, Liara Darabas. MACIEL, Rossandra Oliveira. Desenvolvimento rural através da educação do campo e do cooperativismo não patrimonial: o caso da cooperativa dos agricultores familiares do Vale do Rio Capivari – cooperrica, 2011.

FERNANDES, B. M. MST - Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra: formação e territorialização em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1999

LANCILLOTTI, S.S. P. Deficiência e trabalho: redimensionando o singular no contexto universal/ Samira Saad Pulchério Lancillotti. –Campinas, SP: Autores Associados, 2003. – (Coleção polêmicas do nosso tempo, 85).

MOLINA, Mônica C. Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

RIOS, José Arthur. O que é e como surgiu a sociologia rural. Ci. & T,dp., Recife, 1W: 85-103 jan./jun. 1979.

RUSSCZYK, Jaqueline. SCHNEIDER, Sérgio. O ensino de sociologia no contexto das escolas rurais e na interface com a educação do campo, 2013.

SOUSA, Aline. Sociologia rural. Instituto de formação, 2014.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade na agricultura familiar. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2003.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. Territorialidade e ruralidade no Nordeste: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: SABOURIN, E.; TEXEIRA, O. (orgs.) Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais: conceitos, controvérsias e experiências. Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2002.